

EDUCAÇÃO MORAL E HUMANIDADE NA PEDAGOGIA DE IMMANUEL KANT

MORAL EDUCATION AND HUMANITY IN IMMANUEL KANT'S PEDAGOGY

APARECIDO DE ASSIS²¹

Resumo:

Este artigo visa analisar a concepção de educação moral e de humanidade refletida por Immanuel Kant em sua principal obra pedagógica, *Über Pädagogik*, que foi traduzida para o francês por Alexis Philonenko com o título *Réflexions sur l'Éducation*. O artigo vem composto de duas partes, das quais a primeira procura analisar a visão kantiana sobre a necessidade do homem de ser educado, já que o homem é a única criatura que tem necessidade de educação. A segunda procura refletir como Kant concebe a educação em uma perspectiva moral e humana como um meio do homem superar a animalidade que o impede de uma melhor convivência com os outros no contexto social.

Palavras-chaves:

Disciplina. Educação moral. Humanidade. Pedagogia.

Abstract:

This article aims to analyze the conception of moral education and humanity reflected by Immanuel Kant in his masterpiece pedagogical *Über Pädagogik*, which was translated into French by Alexis Philonenko entitled *Reflexions sur l'Éducation*. The article is composed of two parts, the first of which seeks to analyze the Kantian view about man's need to be educated, since man is the only creature who needs education. The second seeks to reflect how Kant conceives of education and human moral perspective as a means to overcome the animalism of man that keeps a better coexistence with others in the social context.

Keywords:

Discipline. Moral Education. Humanity. Pedagogy.

21 Doutor em Filosofia.

INTRODUÇÃO

Ao propor uma análise sobre educação em Immanuel Kant, logo surge a pergunta: até que ponto o filósofo alemão se importou em produzir algum pensamento sobre a educação? Em princípio, a resposta a essa pergunta exige algumas reflexões, quando se nota que não há um tratado desenvolvido por Kant sobre Educação na mesma categoria que a Teoria do Conhecimento ou a Filosofia Moral²². A única obra que existe sobre Educação atribuída a Kant é *Über Pädagogik* que foi publicada pelo seu aluno Friedrich Theodor Rink em 1803. Conforme os relatos de Philonenko, Kant teria confiado ao seu aluno Rink a responsabilidade pela publicação da obra *Über Pädagogik*, entregando-lhe os rascunhos dos quatro cursos sobre Pedagogia que ele havia dado na Universidade de Königsberg. Ao entregar os rascunhos dos cursos para Rink, Kant lhe teria dito: “escolha o que possa ser mais útil para o público” (Kant, 1966, p. 11).

Talvez não haja dúvida de que Rink teve alguma participação em termos de ideias na publicação da obra pedagógica de Kant. Um exemplo disso está no próprio título *Über Pädagogik* (*Sobre a Pedagogia*), que muito provavelmente tem sido dada pelo próprio Rink. No que se refere aos escritos em si, Rink procurou ser fiel ao seu mestre, tendo como base os rascunhos que lhe foram entregues por Kant. Nesse sentido, o trabalho desenvolvido por Aléxis Philonenko na tradução da obra do alemão para o francês, e na sua contribuição na parte da introdução e dos comentários, é de extrema relevância. Philonenko, ao unir a tradução da obra com os seus comentários, produziu um trabalho grandioso, no qual ele procura identificar algumas semelhanças de pensamento sobre educação com outras obras escritas por Kant. Como o trabalho de Philonenko é um pouco mais extenso, ele preferiu atribuir o título: *Réflexions sur l'Éducation*. Segundo ele, esse título tem maior proximidade com o pensamento de Kant sobre educação, que não se limitou a um tratado de Pedagogia, mas em uma reflexão mais profunda sobre a educação no que tange à formação moral do ser humano.

22 Nota-se que a obra *Über Pädagogike* foi publicada pelo aluno de Kant Friedrich T. Rink. Essa obra reúne o que há de mais importante e fundamental sobre o pensamento educacional de Kant. Além da obra *Über Pädagogike*, é possível relacionar questões relativas à educação tanto na *Antropologia do ponto de vista pragmático* (Cf. KANT, Immanuel. *Anthropologie du point de vue pragmatique*. Trad. Michel Foucault. Paris, 1964) quanto em *O que é o esclarecimento?* (Cf. KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: O que é o iluminismo? In: *A paz perpétua e outros opúsculos*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, s/d.). Isso mostra que, no fundo, o filósofo alemão considerou a educação como algo muito importante para a formação do ser humano. Ele diz que a educação é uma necessidade humana. E a base das quatro perguntas feitas por Kant: O que devo saber? O que posso fazer? O que me é permitido esperar? O que é o homem? A quarta pergunta é o resumo das três primeiras. E um dos principais objetivos da educação é compreender o homem não apenas como ser de razão, mas como ser sensível e limitado.

Para Philonenko, falar de educação em uma perspectiva kantiana não se distancia de modo algum da essência do pensamento do filósofo alemão. Na parte da introdução das *Réflexions*, ele apresenta Kant não apenas como filósofo, como pensador, mas, acima de tudo, como educador. Assim ele diz: “Kant foi um pedagogo durante toda a sua carreira” (Kant, 1966, p. 9). Ou seja, boa parte da vida de Kant foi dedicada ao ensino, primeiro como preceptor e depois como professor de Filosofia na Universidade de Königsberg. Isso tem a ver com a prática de Kant como docente, o que lhe rendeu larga experiência acadêmica. Havia uma exigência nessa Universidade de que cada professor deveria, durante a sua carreira docente, preparar ao menos um curso sobre Pedagogia para ser proferido na própria Universidade. Foi o que fez Kant, ele preparou o Curso para ser dado em quatro etapas: o primeiro no inverno de 1776-1777; o segundo durante o semestre de 1780; o terceiro durante o inverno de 1783-1784 e o último durante o semestre do inverno de 1786-1787.

O período em que aconteceram os quatro Cursos de Pedagogia é considerado um marco muito importante na vida de Kant, porque, durante esse tempo, o filósofo escreveu obras fundamentais como a *Crítica da razão pura* (1781-1787); *Prolegômenos a toda metafísica futura* (1783); *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita* (1784); *Resposta à pergunta: o que é iluminismo?* (1784); *Os fundamentos da metafísica dos costumes* (1785); *As conjecturas sobre os fins da história humana* (1786) e *Como orientar-se no pensamento?* (1786). Estava em fase de preparo a *Crítica da razão prática* (1788). Portanto, é no período compreendido entre 1776-1787 que surgem os grandes escritos de Kant. E é nesse mesmo período que os Cursos de Pedagogia são elaborados e ministrados na Universidade de Königsberg.

Aqui se propõe desenvolver um trabalho procurando compreender como Kant concebia a educação. O objetivo consiste em mostrar o quanto o filósofo alemão se preocupou com a formação integral do ser humano. E, nessa formação, entra, necessariamente, a educação na perspectiva moral. No campo educacional, sabe-se que Kant priorizou no homem a parte da formação humana e moral, por isso, a divisão deste trabalho vem constituída em duas partes. A primeira parte trata da necessidade humana de ser educado. A segunda parte procura compreender a concepção de educação moral e humanidade, apresentando a importância de se trabalhar uma educação centrada prioritariamente na

formação humana. O artigo em si tem como finalidade defender a tese de que Kant foi um filósofo que se preocupou com a dimensão humana, em uma perspectiva de um progresso moral social. Tal dimensão deve ter nexos com a realidade social em que vivemos e que deve nos servir de instrumento de trabalho por uma educação transformadora do mundo atual.

1 A NECESSIDADE DO HOMEM DE SER EDUCADO

Na visão kantiana, a educação é parte integrante do ser humano desde o seu nascimento, é uma necessidade inerente do homem que, ao nascer, passa a ter as necessidades básicas de cuidados e de proteção. Em comparação a outros animais, apenas o homem possui as necessidades de cuidados e de proteção. Os animais não racionais, e que vivem em um mundo selvagem, nascem com o instinto de sobrevivência e aprendem desde cedo a se movimentar sozinhos, a ir em busca de seus alimentos e a se defenderem dos seus predadores. Diferentemente dos animais selvagens, o bebê humano necessita de todos os cuidados de seus pais. Esses cuidados vão desde a proteção de sua vida à alimentação de modo geral.

É nessa perspectiva que Kant coloca o homem na categoria dos animais como a única criatura que tem necessidade de educação (Kant, 1966, p. 9). A educação tem como objetivo primordial fazer com que o homem se mantenha integrado à sua espécie, ou seja, à espécie humana. O sentido dessa integração não é apenas biológico, visto que biologicamente o homem é um animal racional pertencente à sua espécie, que é a de todos os homens. Essa integração em si tem a ver com o que Kant chama de humanidade, que passa a ser entendida como uma ideia e congrega tanto a noção de que o homem, como indivíduo, é parte do todo de sua espécie – a humana –, quanto a noção de humanidade que deve estar presente em cada pessoa em sua individualidade.

Para Kant, a criança, desde seu nascimento até o início da adolescência, ainda não tem noção sobre suas obrigações, responsabilidades e a moralidade de modo geral. Toda a sua vida, durante a fase de sua infância, é regida pelo que ela já possui desde o seu nascimento, a saber, a sua natureza animal. É por isso que, naturalmente, a criança acha que o mundo gira em torno de si e ela desenvolve o egocentrismo, já que o choro pode ser sua grande força de conseguir o que ela quer. É claro que não se trata do choro da criança quando ela necessita dos cuidados dos seus pais quando sente dor ou quando está com

fome. Trata-se daquele choro para conseguir o que ela deseja, ou até mesmo para fazer algo que os pais não desejam, e eles acabam cedendo para se livrarem do próprio choro dela.

É com essa percepção que Kant vê a educação como uma necessidade para a vivência do homem com os outros na sociedade. Para uma melhor compreensão de educação, na visão kantiana, é preciso considerar ambos os aspectos na natureza humana, a sua animalidade e a sua humanidade. O que a educação precisa se preocupar é com a humanidade do homem. Acontece que, não havendo uma educação que se preocupe com a humanidade, a tendência é que a animalidade se fortaleça no homem desde a sua infância até o seu desenvolvimento da fase adulta. O homem na fase adulta já possui todas as noções relacionadas à sua moralidade e à moralidade social. No entanto, sem um aprendizado e sem um exercício de como se relacionar bem consigo mesmo e com os outros, a violência pode tomar conta de sua vida, tornando impossível de se viver em sociedade.

Nesse ponto de vista, Kant acredita que, por meio da educação, seja possível desenvolver no homem o seu desejo pela humanidade. Porém, é necessário entender que a tarefa educativa em favor da humanidade é um processo lento e duradouro. Trata-se de uma educação moral evolutiva, em que uma geração educa a outra sucessivamente. Em sua obra “Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita”, ele diz que o homem deve possuir uma vida extremamente longa para aprender a fazer uso de suas disposições naturais (Kant, 1986, p. 11). Essas disposições naturais são citadas em “A religião nos limites da simples razão” como disposições originárias. Assim, Kant afirma que no homem há três disposições originárias: a 1ª disposição para a animalidade como ser vivo; a 2ª disposição para a humanidade como ser vivo e racional e a 3ª disposição para a sua personalidade, como ser racional e, simultaneamente suscetível de imputação.

Na disposição para a animalidade, o homem possui o amor de si em três momentos: primeiro, visando à conservação de si; segundo, à propagação de sua espécie; e terceiro, ao impulso à sociedade. O perigo da disposição à animalidade consiste em que nela se encontram vícios como: os da gula, da luxúria e da selvagem ausência de leis nas relações humanas (Kant, 1992, p. 32). Na disposição para a humanidade, há também o amor de si, mas que exige a razão. Aqui há o perigo do desejo de superioridade de uns sobre os outros. As consequências disso podem gerar os vícios de competição de uns quererem estar acima

dos demais. Esses vícios são chamados de vícios da cultura que podem se transformar em vícios diabólicos. A terceira disposição, a da personalidade, procura se aproximar da lei moral. Com isso, o sentimento moral é constituído como móbil do arbítrio.

O sentimento moral se torna possível, porque o livre arbítrio o admite na sua máxima como bom caráter. O bom caráter é algo que se pode adquirir, mas que deve estar presente em nossa natureza como uma disposição em que absolutamente nada de mau se pode enxertar. Com isso, a ideia de lei moral denomina-se como uma disposição para a personalidade, mas a própria personalidade carrega em si a ideia de humanidade considerada plenamente intelectual. O fundamento subjetivo para admitirmos nas nossas máximas essa reverência como móbil parece ser uma adição à personalidade e merece, por isso, o nome de uma disposição em vista dela (Kant, 1992, p. 33-34).

Segue-se que as duas primeiras disposições não contemplam o que há de melhor para a humanidade, mas apenas a terceira. Isso significa que a disposição para a personalidade tem como raiz a razão prática, incondicionalmente legisladora. No entanto, as três disposições são originárias e fazem parte da natureza humana. Com isso, torna-se evidente que o homem tem de conviver com elas, mas o maior peso em sua vida deve ser dado visando a terceira. É na disposição para a personalidade que a condição para a humanidade se realiza e se efetiva, cujo reforço primordial é a educação.

Pelo exposto acima, tem-se a evidência da ideia de animalidade e da ideia de humanidade. Em “A religião nos limites da simples razão”, a ideia de animalidade, em princípio, possui um lado positivo, quando o homem, pelo amor a si próprio, procura perpetuar a vida por meio do sexo, para assim propagar a espécie e o impulso à sociedade. Todavia, a ideia de animalidade, não admitindo a razão, impulsiona o homem aos piores vícios, como a luxúria, a gula e a selvageria. Já se sabe que todo e qualquer homem possui ambas as disposições, como parte integrante de sua natureza, a da animalidade e a da humanidade. Porém, o sustento da animalidade tende a ser mais forte no homem, porque ela é a primeira a ser desenvolvida desde o seu nascimento. Ela se apresenta no homem como uma tendência natural, em que todos os animais a possuem igualmente²³.

23 Porém é preciso levar em conta a seguinte afirmação: “Se o homem, com efeito, procede como o animal de uma origem natural, ele se distingue da seguinte maneira: o animal é completo, o homem incompleto; aquele é desde o início guiado pelo instinto, o outro não [...] O animal é formado pela natureza, o homem é abandonado por ela. De um lado um ser completo, ou seja, que é tudo o que ele pode ser, do outro um ser incompleto, bruto, desprovido de instinto” (Cf. Moreau, P. *L'éducation morale chez Kant*. Paris: Les Éditions du CERF, 1988 morale chez Kant).

O homem, ao ser sustentado pela animalidade, tende a viver em estado de natureza e com ela ao uso da violência. Já a disposição para a humanidade, o homem a possui em seu ser, mas ela necessita ser desenvolvida e aprimorada, e isso só é possível pela educação. O caminho conduzido pela ideia de humanidade é o caminho da razão prática, ou seja, o caminho da moral. Como o homem tem a tendência natural à animalidade, torna-se necessário, em primeiro lugar, a disciplina, que deve fazer parte de sua educação desde o seu nascimento. E a disciplina tem como tarefa fundamental transformar a animalidade em humanidade, possibilitando a saída do homem de um estado inculto para um estado perfeitamente civilizado (Kant, 1966, p.7).

Na visão kantiana, o homem é compreendido no duplo sentido de sua natureza, a animalidade e a humanidade. Já se sabe a força que possui a sua natureza animal, que o desenvolvimento desta fortalece a maldade e com ela a violência. Como o homem, além de ser animal, é um ser racional, a razão o impulsiona a formar sociedade com os outros, cultivando-se, civilizando-se pela arte e pela ciência. Entretanto, mesmo vivendo em sociedade, o homem procura satisfazer-se a si pelos atrativos do conforto e do bem-estar. E isso acaba levando-o ao individualismo, não se importando com os problemas dos outros e muito menos com os da comunidade em que vive. É pela via da educação que o homem terá condições de se libertar dos obstáculos estabelecidos pela rudeza de sua natureza (Kant, 1964, p. 164).

No início de todo o processo educativo, é necessária a disciplina, compreendida por Kant como aquela que deve limitar a animalidade em vista da humanidade do homem. Assim ele diz:

Que os homens sejam maus por natureza, isto está claro pelo fato de que eles jamais estejam voluntariamente conforme a ideia do bem, mas eles devem ser coagidos, como se eles deixassem de coagir por um (homem) em suas relações mútuas. Da mesma maneira, o homem deve ser disciplinado e a selvageria deve desaparecer. O bom comportamento do homem é, portanto, algo forçado e sua natureza não é a sua medida. É um princípio da arte social tanto quanto da arte política: cada um é mau por natureza e apenas deve tornar-se bom enquanto é submetido a um poder, que o obrigue a ser bom. Mas ele (o homem) terá a melhor faculdade sem coação, se as inclinações para o bem que está situado em si se desenvolverem progressivamente. A criança é má quando é educada sem disciplina²⁴.

24 Essa citação foi retirada de VLACHOS, Georges. *La Pensée Politique de Kant: Métaphysique de l'ordre et dialectique du progrès*. Paris, PUF, 1962, p. 245. O autor cita uma série de reflexões de Kant, que nesse caso foi citado de *Moralphilosophie. Reflexionen* (Handschriftlicher Nachlass), n° 696, p. 202.

O estado de natureza se caracteriza pela ausência de leis civis, em que tudo é permitido sem limites. Por esse motivo, Kant chama essa ausência de leis civis de estado selvagem, sendo um estado em que se tem o aumento da violência. Com isso, a disciplina visa conscientizar o homem sobre a importância de se obedecer às leis civis, em vista de uma melhor convivência social. Contudo, é importante entender que não se trata de uma disciplina rígida pelo simples fato de que todos se mantenham em ordem. Não se trata de uma disciplina educacional de uma determinada escola onde o estudante não consegue entender porque precisa cumprir certas regras impostas a ele.

A disciplina não é compreendida simplesmente como o cumprimento de uma obrigação apenas pelo cumprimento de regras sem um sentido maior, pelo contrário, a disciplina deve fazer parte da educação da criança desde as séries iniciais, cujo objetivo é criar nela o hábito, com o aprendizado, de obediência e observação das regras (KANT, 1966, p. 70-71). Durante a infância, a criança vive como se estivesse em estado de natureza, com a tendência de desenvolver mais os móveis da maldade do que os móveis da bondade. Por isso, ela precisa ser disciplinada, criar nela o hábito da honestidade e do cumprimento de seus deveres. Isso deve fazer parte de um aprendizado da criança que só é possível pela via da educação.

A tendência natural do homem para o mal existe devido à sua inclinação natural para a liberdade. Assim diz Kant que “o homem, por natureza, tem uma enorme inclinação para a liberdade” (1966, p. 71). Liberdade para seguir os seus caprichos, ou seja, fazer o que quiser conforme o seu desejo. Nesse caso, a disciplina, a princípio, deve servir para limitar a sua liberdade individual em vista de uma liberdade universal, porque a liberdade individual não pode estar acima da liberdade universal. Para Kant, “o homem é um animal que, quando vive com os outros de sua espécie, tem necessidade de um senhor” (1986, p. 15). Esse senhor é quem deve se encarregar do uso da disciplina na educação. Mas quem é mesmo esse senhor?

O senhor vem no mesmo sentido de mestre. A necessidade do mestre surge pela própria urgência da disciplina entre os homens em suas relações entre si. Ao fundar a sociedade civil por meio de um contrato, os homens estabeleceram regras de convivências sociais. Essas regras foram estabelecidas em forma de leis que deram origem à constituição civil. Aqui, nesse caso, a figura do mestre e do senhor pode ser entendida como o governante de um povo e de uma nação, sendo o governo aquele que assume a condição de mestre,

responsável por coagir todos os cidadãos a cumprirem as leis civis em nome de uma liberdade universal.

Do ponto de vista da educação, também há a necessidade de um mestre, e, nesse caso, o mestre é o professor, que faz o uso da disciplina para que seu aluno se torne adulto responsável e consciente de suas obrigações diante da sociedade. A disciplina é o lado negativo da educação, mas necessária para que o homem se humanize e se torne digno de ser homem na convivência com outros homens no seio social. Por isso, Kant formulou a famosa frase: “O homem só pode tornar-se homem pela educação” (1966, p. 73). É a educação que faz do homem digno da humanidade, humanizando-se e se tornando mais humano.

Kant tem uma visão otimista em sua defesa por uma educação moral. Ele acredita que, pela educação, é possível que a humanidade se aperfeiçoe do ponto de vista moral. Na realidade, apesar das dificuldades existentes entre os homens na convivência social, em que se manifestam os interesses individuais, o destino da humanidade edificado pela razão prática é a perfeição moral para o bem. A educação, no início, possui toda a sua imperfeição, mas ela própria deve contribuir para o progresso moral da humanidade em seu todo. Assim diz Kant: “Na educação atual o homem não alcança inteiramente o fim de sua existência. [...] Mas nós podemos trabalhar pelo plano de uma educação conforme o fim do homem e legar à posteridade as instrumentações que ela poderá realizar pouco a pouco” (Kant, 1966, p. 75-76).

Mesmo sendo otimista, Kant previa as dificuldades criadas ao campo educacional, ele dizia que a educação é o maior e mais difícil problema que possa ser proposto ao homem. Mas, com efeito, a ilustração (*Aufklärung*) depende da educação e, por sua vez, a educação depende da ilustração. O significado da ilustração se define da seguinte maneira: “Pensar por si mesmo significa procurar em si próprio (isto é, na sua própria razão) a suprema pedra de toque da verdade; e a máxima de pensar sempre por si mesmo é a ilustração (*Aufklärung*)”²⁵. O esclarecimento é a maturidade intelectual de um povo, que permite a sua evolução por intermédio da educação. Assim, é necessário que no desenvolvimento de uma nação a educação e o esclarecimento estejam incluídos em suas prioridades.

25 Essa citação se encontra em KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: O que é o iluminismo? In: *A paz perpétua e outros opúsculos*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, s/d, p. 54.

Na maioria das vezes, quando se fala em educação escolar, coloca-se como prioridade a instrução e o domínio técnico-científico, e se coloca em segundo plano a formação moral e humana. A proposta de Kant não despreza nem a instrução e muito menos o domínio técnico-científico. No entanto, é preciso entender que a formação humana e moral deveria ter prioridades no processo educativo e ter como pressuposto de que o homem não vive sozinho, mas na convivência com os outros em sociedade, pois a boa convivência social é aprendida por meio de uma boa educação voltada para a formação moral e humana.

A convivência com os outros exige de cada um o conhecimento e o aprimoramento, não apenas das artes e das ciências, mas acima de tudo das leis civis e morais. Para o filósofo alemão, a fase do esclarecimento tinha uma conotação especial, pois se tratava da independência intelectual do ser humano. Com o esclarecimento, o homem poderia pensar de forma autônoma sem a ajuda de outrem. Nesse contexto, a educação se torna o carro-forte para o avanço do esclarecimento e do progresso moral da humanidade. Com isso, a educação esclarece e humaniza, ao mesmo tempo que vai fazendo com que todos os seres humanos progridam no sentido moral.

2 A VISÃO KANTIANA SOBRE EDUCAÇÃO MORAL E HUMANIDADE

A educação moral constitui o núcleo central do pensamento pedagógico de Immanuel Kant. O fim último de todo o processo educativo deve se estender para o aspecto da formação moral de todo ser humano. Em si, a educação moral deve acontecer como uma meta a longo prazo, em um processo lento e duradouro, até atingir o todo da humanidade. No entanto, parece que a pedagogia kantiana sustenta um otimismo quando se trata da ideia de um progresso moral de toda a humanidade²⁶. Esse progresso moral se apresenta como um projeto, ou uma meta, que deve estar imbuído no ser como uma força propulsora que o impulse a lutar por esse ideal.

26 É preciso notar o que diz Kant sobre o progresso moral, assim ele diz: “Poderei, pois, admitir que, dado o constante progresso do gênero humano no tocante à cultura, enquanto seu fim natural, importa também concebê-lo em progresso para o melhor, no que respeita ao fim moral do seu ser, e que este progresso foi por vezes interrompido, mas jamais cessará. [...] apoio-me no meu dever inato, em todo o membro da série das gerações [...] de atuar de tal modo sobre a descendência que ela se torne melhor [...] e que assim semelhante dever se poderá transmitir regularmente de um membro das gerações a outro” (KANT, Immanuel. Sobre a expressão corrente: Isto pode ser correto na teoria, mas nada vale na prática. In: *A paz perpétua e outros opúsculos*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, s/d, pp. 96-97). A transmissão de um membro das gerações a outro acontece pela via da educação.

Nesse sentido, os pais e os professores exercem um papel fundamental na educação das crianças. Kant chama a atenção daqueles educadores que possuem uma formação muito limitada, em que a moralidade e a humanidade não fazem parte de seus ensinamentos. Isso significa que os educadores devem ser os primeiros a possuírem uma boa educação, mesmo porque as crianças procuram seguir seus exemplos. Portanto, o que está em cena na educação moral é acima de tudo a formação do bom caráter. Em que consiste esse bom caráter? Antes de tudo, é preciso esclarecer que em Kant há o bom caráter, conduzido pelas máximas boas, e o mau-caráter, conduzido pelas máximas ruins.

Kant previa que ninguém se torna moralmente bom muito rapidamente. É necessário criar no homem os bons hábitos, por exemplo, os hábitos da responsabilidade e da honestidade. E isso começa desde o seu nascimento com a educação dos pais e depois dos professores, quando a criança atinge a idade para ir à escola. Na fase inicial da infância, deve ser exigida da criança a obediência às regras, tanto da família quanto da escola. No entanto, a exigência não pode vir acompanhada de castigos, porque as crianças em seus desenvolvimentos podem levar consigo a revolta, que não contribui em nada para a formação do bom caráter.

Outro detalhe importante que Kant chama a atenção quando se trata do bom caráter é a criança ser obrigada a cumprir as regras, mas elas precisam entender por que está sendo exigido delas tal cumprimento. Ou seja, a criança em seu desenvolvimento deverá, aos poucos, ter o entendimento de que cumprir os seus deveres será bom para elas próprias e para toda a sociedade. Quando não há esse entendimento, a tendência é que as pessoas cumpram as regras só porque estão sendo exigidas delas em um determinado momento. E o objetivo da educação, na perspectiva moral, é fazer com que o homem adulto, no uso de sua liberdade, seja capaz de atribuir para si as máximas boas que irão guiar as suas ações para o bem.

Portanto, é necessário trabalhar a formação do bom caráter da criança, que “consiste na firme determinação de querer fazer algo e colocá-lo em prática” (Kant, 1966, p. 134-135), que são muito importantes para a formação do bom caráter. Aquele que não é firme em suas decisões e não as cumpre, não pode ter confiança em si: “um homem que propõe algo e não o faz não é digno de confiança em si mesmo” (Kant, 1966, p. 135). É preciso haver maturidade nas decisões que o homem toma. Assim, Kant cita um exemplo: “Se alguém

tendo decidido levantar-se cedo todos os dias para estudar [...] e depois não o cumpre, se desculpando, porque na primavera faz muito frio de manhã [...] no verão é gostoso dormir e adia sempre a decisão, acaba de perder toda a confiança em si mesmo” (Kant, 1966, p. 135).

A formação do bom caráter não tem a ver com penitências que o homem faz no sentido de mostrar que ele é bom. É com esse entendimento que Kant se revela contra o jejum quando ele questiona: “Que adianta à honestidade e à melhora dos costumes o jejum de um dia, salvo para comer demais à noite ou infligir ao corpo um castigo que nada contribuiria para a transformação da alma?” (Kant, 1966, p. 136). Assim, de nada vale o jejum se o homem não se decidir a querer o bom caráter em favor das virtudes e contra os vícios. A educação moral deve contribuir para a formação do bom caráter humano desde o seu nascimento até a fase adulta.

Para que essa formação educativa voltada para o bom caráter se realize, é necessário que a criança se habitue ao cumprimento de seus deveres consigo e para com os outros. Que deveres são esses? Os deveres para consigo mesmo são aqueles que nos tornam dignos de pertencermos à humanidade. Nesse sentido, a mentira deve ser banida, pois ela rebaixa a dignidade de ser humano sobre si. Kant diz que “a mentira faz do homem um objeto de desprezo geral e é um meio de tirar a estima e a credibilidade que cada um deveria ter para consigo mesmo” (Kant, 1966, p. 136-137).

A mentira deve ser objeto de desprezo em todos os sentidos. É necessário que o homem aprenda a ser honesto e digno de credibilidade e de confiança, primeiramente para consigo, para depois ser transmitido aos demais. E isso deve ocorrer desde a fase infantil, em que se torna necessário ensinar às crianças desde cedo o respeito, porque elas “ainda não possuem a generosidade” (Kant, 1966, p. 137). Cabe aos pais ensinarem os seus filhos a partilharem seus alimentos com os mais pobres, contanto que tal generosidade não aconteça esperando algo em troca, ela precisa ser espontânea, de uma decisão da vontade própria da pessoa.

A prática da boa ação, considerando a generosidade, deve se reverter em favor da humanidade em cada um e em todo o mundo. Os deveres para consigo e para com os outros existem pelo compromisso que se possui com a humanidade como um todo. Cada

indivíduo é como se fosse uma pequena fatia do bolo que é a humanidade, é preciso haver a consciência da corresponsabilidade e da coparticipação de todos em favor e em defesa de todos. Cada indivíduo deve sempre ter em mente a sua contribuição em favor do bem de todos e não apenas de si. Pensar em proteger o Planeta, por exemplo, é pensar pelo bem de todos e não apenas de si. Quando o indivíduo pensa apenas em seu próprio bem de forma egoísta, ele foge de seus princípios humanitários e alimenta a natureza animal que se encontra em seu ser. Se todos os indivíduos abraçarem uma causa egoísta, a sociedade tende ao desmoronamento e a moralidade torna-se algo impossível de ser alcançada.

A proposta kantiana de uma educação moral é vista como uma saída para o homem, quando se tenta trabalhar uma educação transformadora e, ao mesmo tempo, uma educação em uma perspectiva moral, cujo princípio máximo é a ideia de humanidade em sua totalidade. Ou seja, a educação se desenvolve em um processo longo e duradouro, até atingir a humanidade como um todo. Para que isso seja possível, o processo educativo deve vir unido na relação participativa dos pais, da escola e do próprio Estado. Para Kant, os pais têm papel fundamental na educação de seus filhos. Significa dizer que a educação deve acontecer em uma relação muito próxima entre a família e a escola. A educação não pode ser apenas uma responsabilidade da escola sem a participação dos pais. Da mesma maneira, o Estado deveria dar todas as condições para que a educação familiar e escolar priorizasse acima de tudo a formação moral e humana dos educandos. No geral, o interesse dos governantes não visa priorizar a educação em seus planos políticos. O interesse maior se volta mais pelo sucesso político desses governantes. Nesse caso, a política não é vista no plano da comunidade e do bem comum. Ela está associada aos interesses individuais ligados à honra, à glória e ao sucesso pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se, portanto, na definição de educação em Kant, que o homem deve ser primeiramente disciplinado, para assim impedir que a animalidade sobreponha à humanidade. Assim, a disciplina deve servir para impedir que a selvageria tenha lugar de destaque na vida humana. Em segundo lugar, o homem deve ser cultivado com a instrução e os diversos ensinamentos. A cultura é pautada na habilidade. Exemplos de uma boa

habilidade são o ler e o escrever. Em síntese, a habilidade é de certa maneira infinita em razão da multidão de fins. Em terceiro lugar, é necessário que o homem se torne prudente, que se adapte à sociedade e que seja amado. Em quarto lugar, a educação deve cuidar da moralização. Aqui o homem não deve apenas ser apto a todas as espécies de fins, mas deve também adquirir uma disposição a somente escolher fins bons.

Toda a pedagogia kantiana tem como fim a moralização humana. Nesse sentido, a humanidade caminha para a sua moralização, estendendo para o futuro. Para Kant, a sua época ainda não havia atingido a moralidade, mas que se encontrava em vias de moralização (Kant, 1966, p. 83-84). Em si, a educação tem o papel de tornar o homem esclarecido sobre a importância de se optar pelas máximas boas e não pelas ruins. As máximas ruins devem ser deixadas de lado para que a felicidade se realize no próprio homem. Entretanto, ele necessita de uma boa formação moral e humana. E isso só é possível ao ter como base a educação moral.

Ao concluir este artigo, citamos as considerações propostas por Kant e que serviram de base para a fundamentação de sua proposta pedagógica:

É necessário desenvolver os sentimentos de humanidade para com os outros e em seguida os sentimentos cosmopolitas. Há, em nossa alma, algo que faz com que tenhamos interesse: 1) por nós mesmos; 2) pelos outros com quem temos convivido e em seguida 3) pelo bem universal. Devemos tornar as crianças familiares com este interesse e que isso possa aquecer suas almas (Kant, 1966, p. 150-151).

A dignidade humana deve ser preservada, sendo necessário, acima de tudo, desenvolver no homem os sentimentos de humanidade. A educação proposta por Kant deve servir como instrumento do desenvolvimento do progresso moral de toda a humanidade. No entanto, há de se admitir que esse progresso moral jamais alcance a sua perfeição, como um resultado radicalmente finalizado. Ele deve fazer parte de um propósito que é necessário assumir como educador e que a semente que se planta e rega precisa crescer como uma árvore e produzir frutos para as gerações posteriores.

A Pedagogia de Kant permite inferir que jamais se deve perder a esperança e a confiança de que as coisas tendem a melhorar com a contribuição da humanidade em favor de uma sociedade mais justa e mais humana. Quanto a isso, a visão pedagógica de Kant é

bem otimista. Temos como exemplo o esclarecimento (Aufklärung), que consiste na saída do homem de sua minoridade para a maioridade. Ele dizia que a sua época ainda não estava totalmente esclarecida, mas em vias de esclarecimento. O esclarecimento (Aufklärung) só é possível de ser desenvolvido por meio da educação, que tem a tarefa de não apenas instruir o aluno, mas de moralizá-lo, para que ele se torne sujeito, ou seja, para que ele opte pela humanidade e não pela animalidade.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Lições sobre a filosofia política de Kant.** (Organização e Ensaio de Ronald Beiner). 2. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BARREIRA, Isaque de J. Pensamento educacional de Kant. In: **Revista Portuguesa de Filosofia.** Lisboa, n. 39, 1993, pp. 205-218.

CASSIRER, Ernst. **Kant, Vida y Doctrina.** Trad. Wenceslau Roce. México: F.C.E., 1993.

CASTILLO, Monique. **Kant et l'avenir de la culture.** Paris: P.U.F., 1990.

CAYGILL, Howard. **Dicionário Kant.** Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

JUNIOR, Oswaldo Giacóia. Reflexões sobre a noção de mal radical. In: **Revista Studia Kantiana.** São Paulo, v. 1, n. 1, set./1998, p. 83-202.

KANT, Immanuel. **A paz perpétua e outros opúsculos.** Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, s/d.

KANT, Immanuel. **A religião nos limites da simples razão.** Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1992.

KANT, Immanuel. **Anthropologie du point de vue pragmatique.** Trad. Michel Foulcault. Paris: J. Vrin, 1964.

KANT, Immanuel. **Réflexions sur l'éducation.** Trad. Aléxis Philonenko. Paris: J. Vrin, 1966.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo.** Trad. Valério Rohden. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

KANT, Immanuel. **Ideia de uma história universal sob o ponto de vista cosmopolita.** Trad. Ricardo Terra e R. S. Naves. São Paulo: Brasiliense, 1986.

KRÜGER, Gerhard. **Critique et Morale chez Kant.** Trad. M. Regnier. Paris: Bibliothèque des archives de Philosophie, 1931.

MENEZES, E. **História e esperança em Kant.** São Cristóvão-SE: Ed. UFS, Fund. Oviêdo Teixeira, 2000.

MOREAU, P. **L'éducation morale chez Kant.** Paris: Les Éditions du CERF, 1988.

PERINE, Marcelo. A educação como arte segundo Kant. In: **Revista Síntese.** Belo Horizonte, v. 40, 1987, p. 9-32.

PHILONENKO, Aléxis. **L'Oeuvre de Kant.** 2. vol. Paris: J. VRIN, 1981.

ROUSSEAU, J. J. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.** Trad. M. E. Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VLACHOS, Georges. **La Pensée politique de Kant: Métaphysique de l'ordre et dialectique du progrès.** 2 vol. Paris : P.U.F, 1962.